

LABIRINTO INFERNAL

um filme de Luis Buñuel

com Georges Marchal, Simone Signoret, Charles Vanel, Michel Piccoli, Michèle Girardon, Tito Junco, Jorge Martínez de Oyos, Raúl Ramirez, Luis Ace
Argumento de Luis Buñuel, Raymond Queneau, Luis Alcoriza e Gabriel Arout, baseado no conto homónimo de José-André Lacour

Cópia Digital Restaurada | *La Morte en ce jardin* | França, México, 1956 – 1h44 | M/12

Depois de ser anunciado que o Governador proibiu a exploração de diamantes, os mineiros revoltam-se, exigem ser recebidos por ele, mas são detidos pelo exército. Chark, aventureiro oriundo de uma aldeia vizinha, chega em pleno tumulto. Torna-se amigo de Castin, um mineiro que sonha abrir um restaurante em Marselha, do padre Lizzard, que tenta acalmar os ânimos, e de Djin, prostituta que dorme com Chark antes de o denunciar à polícia. Chark foge da prisão e envolve-se na revolta dos mineiros. Perseguidos, Chark e o seu grupo aventuram-se selva adentro. Esgotado, o grupo auto-destrói-se, e só Chark se salva, fugindo com a filha surda-muda de Castin.



LABIRINTO INFERNAL, POR LUIS BUÑUEL

Em 1955 e 1956, tendo retomado contacto com a Europa, filmei dois filmes em francês, um na Córsega, *Cela s'appelle l'aurore*, e outro no México, *Labirinto Infernal*.

(...)

Quanto a *Labirinto Infernal*, recordo-me acima de tudo dos problemas tremendos que tive com o argumento, o pior que pode acontecer. Era incapaz de os resolver. Muitas vezes me levantei às duas da manhã para escrever durante a noite as cenas que dava a Gabriel Arout ao amanhecer, para que ele corrigisse o meu francês e que eu tinha de rodar no próprio dia. Raymond Queneau veio passar cerca de quinze dias no México para tentar – em vão – ajudar-me a desvencilhar-me. Lembro-me do humor dele, da sua delicadeza. Ele nunca dizia: “Não gosto disto, não serve”, em vez disso começava as frases com um: “Não sei se...”.

A ele se deve um achado muito engenhoso. Simone Signoret, puta numa pequena cidade mineira onde já ocorreram alguns distúrbios, está a fazer compras numa mercearia. Ela compra sardinhas, agulhas, diversos produtos de primeira necessidade e depois pede um sabonete. Nesse momento ouvem-se os trompetes dos soldados que chegam à cidade para restabelecer a ordem. Ela muda imediatamente de ideias e pede cinco sabonetes.

Infelizmente, e por motivos que escapam à minha memória, esta curta cena de Queneau não ficou no filme.

Penso que Simone Signoret não tinha vontade nenhuma de fazer *Labirinto Infernal* porque preferia ter ficado em Roma com Yves Montand. Tendo de passar por Nova Iorque para ir para o México, ela colocou ostensivamente papéis comunistas ou soviéticos no seu passaporte, na esperança de que as autoridades americanas rejeitassem a sua entrada – deixaram-na passar na mesma.

Como ela provocava alguma turbulência durante a rodagem e distraía os outros actores, um dia pedi ao chefe maquinista que pegasse na fita métrica e medisse cem metros a partir da câmara e colocasse as cadeiras dos actores franceses a essa distância.

Em contrapartida, foi graças a *Labirinto Infernal* que conheci Michel Piccoli, que se tornou um dos meus melhores amigos. Aprecio o humor dele, a sua generosidade secreta, a sua ponta de loucura e o respeito que nunca me demonstra.

LABIRINTO INFERNAL, POR JOÃO BÉNARD DA COSTA

Imediatamente após *Cela s'Appelle l'Aurore*, Luis Buñuel foi contratado para nova co-produção, desta vez franco-mexicana, a rodar no México. Mais uma vez contava com um excelente naipe de actores franceses (de que é justo destacar Simone Signoret, então em plena glória, e Michel Piccoli, que viria a ser um dos seus grandes amigos e actor predilecto de muitos filmes futuros) e com a colaboração, como co-argumentista, do grande escritor Raymond Queneau. E, pela segunda vez na sua obra, aparecia a cor (*Robinson* fora a primeira).

(...)

Do plano de fundo colectivo, Buñuel escolhe cinco marginais e são esses os que irão viver na selva (*"ce jardin"*) a morte e a perdição. Mas se é a segunda parte do filme (o tal "labirinto infernal" de que falou o título português) a mais bela e forte, a que perdurará sempre na memória dos espectadores (com a espantosa morte de Signoret, vestida de negro e coberta de jóias *"parée pour une nouvelle vie"*), o dédalo inicial, entre cascatas, motins, xeque-mate ao capitão, bordéis e arcadas, é fundamental para a compreensão do alcance mais fundo da aventura na selva. Não só pela referida escolha dos tais marginais, como sobretudo pela mescla de culpa e desejo que os cobre a todos, e de que Vanel e a filha muda são os arquétipos (como, noutro sentido, Piccoli).

(...)

Mesmo quando se não admita que o caminho do filme é este (viagem às origens da culpa e à auto-destruição do grupo) restam muitas coisas belíssimas, para que se possa dizer que este é um Buñuel menor.

João Bénard da Costa, *As Folhas da Cinemateca, Luis Buñuel*

